

Teologia Moral: um olhar para frente

Dom Ricardo Hoepers¹

Resumo: A Teologia Moral é dinâmica porque reflete o agir de Cristo. O Papa Francisco nos aponta uma moral com o olhar fixo em Jesus. Neste pontificado, estamos construindo um novo modo de olhar, mais do que criando novidades. O enfoque está no modo de olhar a si mesmo, o outro e o mundo. Um “olhar para frente” é a proposta do Papa Francisco para todo cristão que quer ter o seu agir identificado com o agir de Jesus. Significa a superação de um pessimismo sobre o próprio homem com uma antropologia saudável que advém das lentes do Concílio Vaticano II, o qual não podemos perder de vista. Significa também, a superação do individualismo, através da cultura do encontro. Propõe uma visão ampliada da realidade, um respeito aos processos de discernimento e uma formação da consciência onde predomine a misericórdia. Para além dos muros da intelectualidade, a Teologia Moral está redescobrando as pontes que unem os corações, que condenam menos e perdoam mais. Torna-se mais próxima e vive um tempo oportuno, a contribuir na alegria do Evangelho, da Verdade e do Amor.

Palavras-chave: Teologia Moral; discernimento; consciência; diálogo; misericórdia.

Riassunto: La Teologia Morale è dinamica perché riflette l'azione di Cristo. Papa Francesco ci indica una morale con gli occhi fissi su Gesù. In questo pontificato, piuttosto che proporre qualcosa di nuovo, si sta costruendo un nuovo modo di guardare le cose. L'attenzione si concentra sul modo in cui si guarda se stesso, l'altro e il mondo. Uno “sguardo al futuro” è la proposta di Papa Francesco per ogni cristiano che vuole che la sua azione sia identificata con

1. Bispo da Diocese do Rio Grande, doutor em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana, Roma, Itália.

l'azione di Gesù. Significa superare un pessimismo sull'uomo stesso con un'antropologia salutare che viene dalle lenti del Concilio Vaticano II, che non dobbiamo perdere di vista. Significa anche superare l'individualismo attraverso la cultura dell'incontro. Propone una visione allargata della realtà, un rispetto per i processi di discernimento e una formazione di coscienza in cui predomina la misericordia. Oltre le mura dell'intellettualità, la Teologia morale sta riscoprendo i ponti che legano i cuori, che condannano di meno e perdonano di più. Si avvicina di più e vive un tempo opportuno, contribuendo alla gioia del Vangelo, della Verità e dell'Amore.

Parole-chiave: Teologia morale; discernimento; coscienza; dialogo; misericordia.

Introdução

A Teologia Moral está sendo reproposta pelo Papa Francisco. Não porque ele esteja organizando um novo tratado na área, mas, como é natural, em cada momento histórico, ela vem sempre mais enriquecida pelo foco de cada Pontífice. O olhar do Papa Francisco tem contribuído para atualizar o que a Tradição da Teologia Moral tem de melhor. Cada pronunciamento, cada documento oficial e cada gesto do Papa estão fortalecendo uma visão coerente do papel da proposta moral da Igreja em relação à formação da consciência, aos processos de discernimento e ao seu modo de agir identificados com o Cristo misericordioso.

A renomada expressão de que a Teologia Moral tem a “obrigação de dar frutos na caridade para a vida no mundo”² está em pleno acordo com a dinâmica de evangelização assumida neste pontificado:

a) o exercício do discernimento não cabe somente ao papa, mas a toda Igreja, por isso ele fala em “descentralização”³;

b) propõe diretrizes para “encorajar e orientar, em toda Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo... que convido assumir em qualquer atividade que se realize”⁴.

2. CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Optatam Totius* sobre a formação Sacerdotal, in *DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II*, 1997, n. 16.

3. FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, 2013, n.1. A partir daqui: EG.

4. EG n. 17.

Essa é a chave de leitura para entendermos o significado do “olhar para frente” como atitude concreta para que a Teologia Moral possa dar frutos. A realidade está exposta, gritando e pedindo respostas, por isso, o Papa faz esse alerta àqueles que devem ser os primeiros a encontrar-se com os reais sofrimentos e fragilidades humanas: “uma teologia moral que não hesita em ‘sujar as mãos’, com a concretude dos problemas, principalmente com a fragilidade e o sofrimento daqueles que mais veem ameaçados o seu futuro, dando testemunho franco de Cristo, ‘Caminho, Verdade e Vida’ (Jo 14, 6)”⁵.

Teologia Moral, entendida como “parte da Teologia que, à luz da Revelação e da fé vivida na comunidade eclesial, pretende apontar o caminho da humanização plena das pessoas e da sociedade, na trilha de Jesus Cristo e do seu Reino”⁶, tem a responsabilidade de atualizar esse caminho, apontando as setas, indicando saídas, enfim, desvelando o campo de ação na Igreja e no mundo.

Na sua primeira Exortação Apostólica, o Papa Francisco pôs com clareza o seu intento: “indicar caminhos”⁷. E mais ainda, apresenta uma visão despojada de qualquer pretensão de responder a tudo: “Penso, aliás, que não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo”⁸. Sendo assim, há uma intenção de firmar, cada vez mais, um exercício de discernimento moral que esteja mais próximo das realidades locais e, com isso, a evangelização cale fundo ao coração, levando as pessoas a um encontro com Jesus Cristo.

Porém, para traçar uma imagem mais detalhada das novas perspectivas morais do Papa Francisco, bem como, demonstrar sua especificidade, é necessário reconhecer que a escolha de um caminho a ser percorrido, é extremamente complexa. O Papa apostou

5. FRANCISCO, *Discurso para os professores e estudantes da Academia Alfonsiana (online)*, 09 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>, acesso em: 30 de julho de 2019.
6. Antônio MOSER; Bernardino LEERS, *Teologia Moral: impasses e alternativas*, 1988, p. 24.
7. EG n. 16.
8. *Ibidem*.

no caminho Sinodal, de uma moral descentralizada, com ampla participação e aproximando as Igrejas Particulares para mais perto dos dilemas morais do seu povo, com “a tarefa indispensável de fazer encontrar e acolher Cristo na vida cotidiana concreta”⁹.

Nesta perspectiva, vamos destacar alguns temas desenvolvidos pelo Papa Francisco que projetam uma Igreja em saída, num caminho de conversão pastoral e missionário e de um olhar para frente, consciente de sua missão e fidelidade a Jesus Cristo, disposta a uma reforma permanente.

1. O enfoque moral do Papa Francisco

Talvez uma experiência básica da óptica geométrica nos ajude a introduzir a dimensão da proposta do próprio Papa.

O vocábulo *enfoque* presente no título nos remete ao verbo *enfocar* que deriva da raiz latina *focu*, isto é, fogo. Enfocar é *pôr em foco*. Desse modo, *foco*, na óptica geométrica, é o lugar para onde se convergem raios emitidos por uma fonte de calor, quando refletidos através de uma lente. Graças a esse princípio básico, pudemos qualificar nossos instrumentos óticos como as lentes das câmeras fotográficas, dos microscópios e telescópios, hoje aprimorados com recursos da alta tecnologia.

Neste mesmo sentido, utilizamos o vocábulo *enfoque* para explicitar um ponto de vista, uma perspectiva. Tanto no conceito técnico, quanto no conceito simbólico, existe a ideia comum da convergência a um ponto, um foco para alcançar um melhor resultado, seja para ampliar, diminuir, convergir ou dispersar. O enfoque se torna, então, um referencial que nos ajuda a definir o ponto de convergência que vai aproximar uma realidade, em um tempo histórico e dar uma perspectiva, um destaque e um sentido. A pergunta é: qual o enfoque que o Papa Francisco para com a Teologia Moral?

No seu discurso à Academia Alfonsiana, quando esta completava 70 anos de existência, o Papa Francisco propôs um olhar

9. FRANCISCO, *Discurso para os professores e estudantes da Academia Alfonsiana (online)*, 09 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>, acesso em: 30 de julho de 2019.

para frente e apresentou algumas *lentes* de convergência e de divergência que fazem parte da história da Teologia Moral, isto é, o que deveríamos fazer e o que deveríamos evitar.

A Teologia Moral pode ser enfocada sob muitos aspectos e a partir de diferentes abordagens e metodologias. Sua abrangência histórica e a vasta gama de temas que definem seu estatuto epistemológico e sua especificidade no *corpus theologicus* exigem uma atenta escolha das *lentes* que devem ser utilizadas para qualquer tipo de aproximação seja científica, seja pastoral.

Neste sentido, a originalidade e principal característica desta reflexão é a escolha de algumas *lentes* que resgatam temas já aprimorados ao longo do tempo, na tradição moral da Igreja e, por isso, tem um *status* de idoneidade científica pelo seu amadurecimento na área de Teologia Moral. Por outro lado, usando a técnica do olhar, a convergência dos raios de luz, projetam-se para frente esses mesmos raios e define com clareza a imagem que foi ampliada. O olhar do Papa Francisco, a partir dos raios de sua experiência de fé, está projetando para frente uma proposta moral que define com mais clareza aspectos da Teologia Moral que sempre estiveram presentes, mas estavam longe, desfocados da vida cotidiana dos cristãos, esquecidos na consciência e relativizados na razão. Nada melhor que as *lentes* de um Pontífice para ajudar a retomar o caminho da identidade moral cristã para os dias atuais.

Na sua proposta de uma Teologia Moral *sub lumine mysterii Christi*, o Papa Francisco apresenta a necessidade urgente de “reencontrar entusiasmo na missão”¹⁰ e, ao mesmo tempo, de “projetar passos corajosos para responder melhor as expectativas do povo de Deus”¹¹. Essa visão redimensiona uma Teologia Moral muito além da vida acadêmica, da qual ele lembra os quatro pontos propostos na *Veritatis gaudium*¹², mas avança, com firmeza, na reflexão para além dos muros da intelectualidade e da pura razão.

10. *Ibidem*.

11. *Ibidem*.

12. Os quatro pontos são: a) querigma, b) diálogo sem reservas, c) interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, d) criar redes. FRANCISCO, *Constituição Apostólica sobre as Universidades e Faculdades eclesiásticas Veritatis gaudium (online)*, 27 de dezembro de 2017, n. 4, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html>, acesso em: 30 de julho de 2019. A partir daqui VG.

Um itinerário prático para a Teologia Moral, que responde as necessidades atuais, se faz presente no seu discurso:

a) Da Sagrada Escritura, lembra São Paulo aos Romanos, contra qualquer tipo de indiferença: “a teologia moral é chamada a levar todos a experimentar que ‘a Lei do Espírito que dá Vida em Jesus Cristo’, liberta ‘da lei do pecado e da morte’, pelo que não podemos ‘recair no medo’, uma vez que recebemos ‘o Espírito de adoção mediante o qual clamamos: *Abbá, Pai!*’ (Cf. Rm 8, 2.15)”¹³.

b) Da Tradição da Igreja, recupera plenamente Santo Afonso que responde muito bem aos desafios de uma sociedade polarizada na qual vivemos, propondo a prudência pastoral: “não se colocar na defesa, nem no papel de condenar”¹⁴.

c) Do Magistério, fundamenta a renovação da Teologia Moral com o referencial do Vaticano II e, na *Gaudium et Spes* convoca a todos para “superar a ética individualista”¹⁵ e promover maior consciência do bem comum. Apresenta também toda a sua motivação e perspectiva já expressadas na *Evangelii gaudium* e *Amoris laetitia*, contra a cultura do descarte e o primado da caridade.

Diante desse discurso moral, dos enfoques que o olhar do Papa Francisco apresenta, podemos destacar três *lentes*, que convergem para uma Teologia Moral que projeta para frente uma proposta de vida cristã:

- a) reconhecer uma realidade poliédrica;
- b) compreender e valorizar os processos, e
- c) garantir o primado da consciência.

13. FRANCISCO, *Discurso para os professores e estudantes da Academia Alfonsiana (online)*, 09 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>, acesso em: 30 de julho de 2019.

14. Cf. *Ibidem*.

15. *Ibidem*; CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral, Gaudium et spes sobre a Igreja no mundo atual*, 1997, n. 30. A partir daqui: GS.

2. Reconhecer uma realidade poliédrica

A proposta de uma Igreja em saída anunciada na *Evangelii gaudium* apresenta um olhar sincero, destemido e corajoso para a realidade que nos circunda e precisa ser encarada, conhecida e enfrentada. A dinâmica do olhar missionário do Papa Francisco é de uma Igreja missionária, onde todos os cristãos são chamados a sair de uma realidade estagnada, onde se quer acreditar que se tem todas as respostas prontas e estabelecidas para olhar ao redor: “cada cristão e cada comunidade há de discernir qual o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar essa chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”¹⁶. Ao sair de si mesmo o cristão amplia o seu olhar para outras realidades, possibilita não um único ponto de vista, mas uma diversidade de abrangência, ou como disse Moser, uma “multividência”¹⁷.

Aproveitando da imagem do olhar do Papa como uma *lente*, pode-se dizer que o conjunto da realidade encontrada se apresenta não como uma esfera, mas como um poliedro: “o modelo não é a esfera, que não é superior às partes, onde cada ponto é equidistante do centro e não há diferença entre um e outro. O modelo é o poliedro que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade”¹⁸.

Na visão poliédrica temos “lentes convexas” que criam raios paralelos de luz convergente e, ora temos “lentes côncavas” que criam raios paralelos de luz divergente. Com isso, veremos dizer que o campo temático desvelado pela *óptica* do Papa abrange, tanto os temas persistentes da Moral Tradicional, quanto os temas emergentes da sociedade atual. O primeiro exige contínuo aprofundamento e maior fundamentação, como também está sempre aberto para atualizar seu campo de visão, dialogando com as outras áreas do conhecimento. O segundo, abrindo-se para redimensionar sua área de abrangência com te-

16. EG n. 20.

17. Antônio MOSER, *O problema demográfico e as esperanças de um mundo novo*, 1978, p. 44.

18. EG n. 236.

mas emergentes de caráter universal e particular, desafia qualquer tentativa de consenso e, portanto, são temas divergentes e precisam de “diálogo sem reservas”¹⁹.

Desse modo, o enfoque do poliedro apresenta um lado dinâmico e criativo da Teologia Moral proposta pelo Papa, que incorpora a todos, respeita o diferente e foca no bem comum, sem exclusão.

Um exemplo enigmático da realidade poliédrica foi a visita do Papa a Mianmar, em novembro de 2017, com o objetivo de melhorar as relações entre budistas e mulçumanos da região. A nação é majoritariamente budista e acusada de “limpeza étnica” pela repressão de uma minoria mulçumana *rohingya* que vive no oeste do país. É impressionante pensar esse diálogo de um católico, num país budista para defender mulçumanos.

3. Compreender e valorizar os processos

Como diz Fernandez, “a história da Teologia Moral atesta que, embora seja verdade, nos princípios morais proclamados pela Revelação, ‘a moral não muda’, no entanto tem havido um processo – em algumas ocasiões lento e às vezes em zig-zag – na elaboração doutrinal desses princípios”²⁰.

A realidade poliédrica reflete a confluência de todas as partes, mas mantém a originalidade de cada uma delas. Proporciona, assim, mesmo que em proporções diferentes, mesmo em zig-zag, um olhar de respeito aos processos e colabora com a gradualidade no discernimento. Assim, recupera-se na Teologia Moral, um caminho em “processo”, nunca fechado e pré-definido, mas multifacetado e miscigenado: eis uma possível abordagem do olhar para frente da Teologia Moral na atualidade.

Para o Papa Francisco vislumbrar esse legado e aprender a dialogar com os que já pensaram caminhos e alternativas para a

19. VG n. 4.

20. Aurelio FERNÁNDEZ, *Teologia Moral - Curso fundamental de la Moral Católica*, 2010, p. 101.

construção de uma Teologia Moral, é uma verdadeira experiência de reciprocidade da consciência e, ao mesmo tempo, de opção fundamental pela solidariedade com os que sofrem as consequências de uma realidade social que persiste com suas estruturas de pecado.

Dispondo-nos a fazer esse caminho de linhas tortas e sinuosas e reconhecendo, desde já, que sempre quem olha tem os limites do seu campo de visão, o Papa Francisco, no seu modo de ser e agir relembra as propostas de renovação da Teologia Moral no pós-Vaticano II.

Entendendo como um “processo”²¹, a reflexão teológico-moral deve ser compreendida dentro do contexto que lhe dá sentido (hermenêutico, teórico e prático) e que a torna capaz de ser interligada a outras fases, sejam elas anteriores ou posteriores de sua evolução, formando um conjunto de conhecimentos fundamentais na composição da Teologia como um todo. Partindo do pressuposto que a tomada de consciência dessa evolução histórica da reflexão teológico-moral “é um fator imprescindível para se compreender o significado da moral cristã”²².

O princípio da historicidade, que nada tem a ver com o ‘historicismo’, é um pressuposto do Concílio Vaticano II. Esse princípio nos assegura que nada se joga fora; tudo se transforma, mas dentro de certa continuidade. Ainda que

-
21. O termo “processo” é entendido aqui como uma sucessão de eventos ou fases que formam um conjunto de fenômenos. Cf. Francisco BORBA, *Dicionário de usos do Português do Brasil*, 2002, p. 135. No sentido teológico, Clodovis Boff utiliza o termo “processos” para designar o que ele chama dos “três momentos da construção teológica”: momento “positivo”, correspondendo à escuta da fé (hermenêutica); momento “especulativo”, que se refere à explicação da fé (teoria); momento “prático”, que busca atualizar ou projetar a fé na vida (prática). Cf. Clodovis BOFF, *Teoria do método teológico*, 1998, p. 41.
 22. Marciano VIDAL, *Nova Moral fundamental - O lar teológico da Ética*, 2003, p. 265. Ele afirma esta proposição citando três grandes autores da história da Teologia Moral: Louis VEREECKE, “Histoire et morale”, in *Mélanges de Science Religieuse* 13 (1956), p. 5-18; Johannes GRÜNDEL, *Wandelbares und Unwandelbares in der Moralthologie*, 1967, p. 123; Alfons AUER, “Die Erfahrung der Geschichtlichkeit und die Krise der Moral”, in *Theologische Quartalschrift* 149 (1969), p. 4-22.

em curto prazo apareçam cortes, rupturas, sacudidas violentas, em longo prazo poderão se perceber nitidamente certas linhas de continuidade criativa. Ou seja, o princípio da historicidade, que também poderia ser denominado de ‘entropia’, traduz a realidade de uma transformação, por vezes muito profunda, que re-coloca de outro modo antigos problemas, assimila novas coordenadas, para melhor traduzir a fidelidade ao Evangelho²³.

Vemos como neste pontificado, pressões internas e externas marcam significativamente o “processo” de construção de uma identidade da Teologia Moral em tempos de grandes mudanças sociais e culturais e estabelecem novas relações entre a Igreja e a sociedade. Mas, na perspectiva do Pontífice, não podemos prescindir o desenvolvimento dos processos, tanto na comunidade eclesial quanto na sociedade. Por mais duros e demorados que sejam é preciso acompanhar a humanidade²⁴ em todo o seu itinerário de crescimento e maturidade moral. As comunidades também são chamadas a fazer o seu próprio processo de discernimento diante da sociedade secularizada²⁵. Não podemos nos tornar expectadores de uma vida estagnada, mas participantes criativos dos processos históricos²⁶.

Para valorizar ainda mais a importância do processo, o Papa retoma o princípio de que o “tempo é superior ao espaço”²⁷. Em um mundo obsessivo pelos resultados imediatos, que não tem paciência de compreender o ritmo diferenciado de

23. Antônio MOSER; Bernardino LEERS, *Teologia Moral: impasses e alternativas*, 1988, p. 16. Os autores propõem a imagem do edifício para figurar melhor a complexidade da história da Teologia Moral. Os manuais neo-escolásticos, por exemplo, constituem um andar onde possuem colunas mestras para todo o edifício, e por mais que necessite de revisão, ele é fundamental para o conjunto edificado. A Moral Renovada seria outro andar, que apesar de ter sido já fruto de uma tecnologia mais avançada, precisaria de reparos e concertos. O andar da Teologia Moral latino-americana, na época estava ainda em construção, e por isso, era considerado sob uma nova perspectiva para o conjunto da obra (edifício).

24. Cf. EG n. 24.

25. Cf. EG n. 30; n. 69.

26. Cf. EG n. 129.

27. EG n. 222-225.

cada pessoa, que privilegia espaços de poder em vez dos tempos dos processos, é um mundo fadado ao fracasso: “Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente, para tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação. É cristalizar os processos e pretender pará-los”²⁸. Para o Papa, o maior valor está na nossa capacidade de iniciar processos, de permitir um permanente crescimento, gerando novos dinamismos na sociedade em vista do bem comum. A estrada é longa, o caminho tortuoso, onde joio e trigo crescem juntos: “A parábola do trigo e do joio (cf. Mt 13, 24-30) descreve um aspecto importante de evangelização que consiste em mostrar como o inimigo pode ocupar o espaço do Reino e causar dano com o joio, mas é vencido pela bondade do trigo que se manifesta com o tempo”²⁹.

Essa tensão no caminho se expressa também na predominância de temas emergentes, não só na área da Teologia Moral, mas emergentes para todas as áreas do conhecimento e que podem ser expressos em algumas palavras chaves como: globalização, exclusão, identidade, alteridade, pluralidade, comunicação, flexibilidade, diversidade, vulnerabilidade, tolerância e outras. Essa abordagem é ampla, aberta a todas as áreas e exige necessariamente metodologias alternativas que sejam flexíveis para trabalhar temas emergentes em fronteiras de conflitos, sejam culturais como conceituais.

Na tentativa de encontrar caminhos alternativos para uma moral que responda aos problemas emergentes, o Papa Francisco vem abrindo espaços, especialmente nos Sínodos, para debater modelos, princípios, paradigmas que possam ser válidos num permanente diálogo entre a Teologia Moral cristã e as outras éticas que disputam espaço de validade e fundamentação racional para construir uma sociedade viável de ser vivida.

Esse *disputatio* se mostrou mais positivo do que negativo, pois, na medida em que a Teologia Moral não se encapsula dentro de seus próprios parâmetros, mas se abre as diferentes leituras éticas, ela consolida ainda mais sua identidade e busca com mais intensidade suas fontes, determinando sobre as outras éticas um

28. EG n. 223.

29. EG n. 225.

parâmetro prudencial e pastoral e não se impondo pela força de sua normatividade histórica.

O grande desafio que vem se impondo à Teologia Moral, já que ela tem o dever de dar frutos da caridade ao mundo, é de manter-se presente, atuante e atualizada numa sociedade que vem *deletando* estruturas antigas de pretensão universalistas e normativas, e redefinindo uma linguagem de curto prazo e de valor circunstancial. Para a Teologia Moral, com uma bagagem milenar, de profundas raízes teóricas, construídas ao longo dos séculos, na mais aprimorada metodologia, que prioriza a lógica e se caracteriza por fundamentos racionais, é uma grande tensão manter-se nos novos parâmetros da liquidez e fluidez do mundo *Cloud*, onde tudo é armazenado no mundo virtual, mas ao mesmo tempo tudo pode ser deletado e apagado.

Ao olhar para esse horizonte social, as pessoas tendem a fecharem-se em si mesmas e nas suas coisas, projetando nas suas relações humanas o critério pessimista do sentido da vida. Vemos claramente uma sociedade ferida, doente, em busca de sentido. O cristão, identificado com o olhar de Cristo, tem o dever moral de acompanhar os anônimos e invisíveis da sociedade, no tempo e no espaço, caminhando no “ritmo salutar da proximidade, com olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã”³⁰.

Para tanto, é preciso um olhar para frente, como o olhar de Jesus que condenava o pecado e não o pecador. O encontro pessoal com Cristo se torna o início de uma nova vida, de um novo horizonte, de uma nova oportunidade de recomeçar com dignidade.

Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho. Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do

30. EG n. 169.

que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida. Mas sempre com a paciência de quem está ciente daquilo que ensinava São Tomás de Aquino: alguém pode ter a graça e a caridade, mas não praticar bem nenhuma das virtudes “por causa de algumas inclinações contrárias” que persistem. Por outras palavras, as virtudes organizam-se sempre e necessariamente ‘*in habitu*’, embora os condicionamentos possam dificultar as *operações* desses hábitos virtuosos. Por isso, faz falta ‘uma pedagogia que introduza a pessoa passo a passo até chegar à plena apropriação do mistério’. Para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa. Como dizia o Beato Pedro Fabro: ‘O tempo é o mensageiro de Deus’³¹.

4. Garantir o primado da consciência

O tema da formação da consciência é muito recorrente neste Pontificado. Porém, preocupado com a consciência isolada³² que predomina entre os cristãos e em toda sociedade, o Papa retoma o sentido mais sublime que a Teologia Moral já desenvolveu sobre o assunto.

A atitude basilar de se auto transcender, rompendo com a consciência isolada e a auto-referencialidade, é a raiz que

31. EG n. 171.

32. EG n. 2; n. 282; FRANCISCO, *Carta Encíclica Laudato Si, sobre o cuidado da casa comum*, 2015, n. 204; n. 208. A partir daqui: LS.

possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo. Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e torna-se possível uma mudança relevante na sociedade³³.

Com esse trecho da *Laudato Si'*, o Papa repropõe toda reflexão do primeiro capítulo da *Gaudium et spes* que tem como tema “A dignidade da pessoa humana”. A estrutura desse capítulo é o primeiro ponto essencial para compreendermos esse núcleo antropológico proposto pelo Papa, de dignidade e de respeito à vida humana e a toda natureza de modo integral. Nossa raiz antropológica cristã, baseada na Sagrada Escritura, lembra-nos que somos criados à “imagem de Deus” capazes de conhecê-Lo e amá-Lo: “Que é o homem para dele te lembrares e um filho de Adão para vires visitá-lo? E o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza para que domine as obras de tuas mãos sob seus pés tudo colocaste” (Sl 8, 5-7).

Mas, a mesma experiência humana que nos capacita a dominar a terra e glorificar a Deus nos mostra o quanto somos inclinados ao mal e, diante do abuso da nossa liberdade, nos distanciamos do nosso fim último e rompemos a harmonia conosco mesmos, com os outros e com as coisas criadas. Em consequência, nos tornamos incapazes de superar sozinhos esta dramática luta entre o bem e o mal³⁴.

Porém, “o Senhor em pessoa veio para libertar e fortalecer o homem, renovando-o interiormente”³⁵ e, nesta experiência de miséria humana, reencontramos, na Revelação de Deus, a nossa razão última.

Portanto, Deus restabelece a unidade na qual fomos constituídos *corpore et anima unus*³⁶ reconhecendo em nossa natureza a síntese de tudo que foi criado e naturalmente inclinados a glorificar o Criador pela dignidade na qual Ele nos criou. Essa dignidade

33. LS n. 208.

34. GS n. 13.

35. GS n. 13.

36. GS n. 14.

se manifesta em nosso próprio corpo e, assim, “deve considerar o seu corpo bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há de ressuscitar no último dia”³⁷.

Nesta dimensão de respeito e dignidade, o Papa vem insistindo na superação da consciência isolada que despreza a si mesma e aos outros. Com o Criador não existe joguete ou manipulação, mas uma profunda relação de liberdade e amor que garante a dignidade da natureza humana:

Pela sua interioridade, transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que perscruta os corações, o espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte. Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas³⁸.

Prova concreta desta dignidade é a manifestação da inteligência humana, que, procurando sempre a verdade mais profunda, consegue notáveis progressos em todos os campos de sua ação. Uma natureza intelectual que pode ser ainda mais aperfeiçoada se utilizada com sabedoria, inclinando-o para a procura do bem e da verdade, pois assim, “pelo dom do Espírito Santo o homem chega a contemplar e saborear, na fé, o mistério do plano divino”³⁹.

O progresso intelectual e a sabedoria, no entanto, não são suficientes para garantir ao homem a sua dignidade, ao contrário, muitas vezes, por consequência do pecado, elas a enfraquecem e a obscurecem. A única garantia para assegurar a dignidade humana dentro dos planos de Deus é encontrar dentro de si, lá onde essa vontade divina se manifesta, a lei que deve reger nossa vida para o bem supremo, para nosso fim último. E há dentro do homem um lugar onde Deus escreveu suas leis: a consciência - “O homem tem no coração uma lei escrita pelo

37. GS n. 14.

38. GS n. 14.

39. GS n. 15; Eclo 17,7-8.

próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado⁴⁰. Dignidade e consciência estão intimamente ligadas e nos remetem não a uma vontade humana, mas a uma lei divina.

A consciência é inalienável, não pode ser manipulada, instrumentalizada, sufocada ou anulada. Ela está além de qualquer aprisionamento ou sujeição humana. É o lugar íntimo de encontro entre Deus e o homem, para garantir a realização da vocação sublime à qual fomos chamados: “A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser⁴¹”.

Poderíamos então, dizer que a dignidade humana tem um núcleo, que não só a revela, mas a garante, exigindo do homem uma atenta escuta e uma fidelidade à voz que ressoa na sua consciência. Escutar e seguir essa voz são atos livres do homem, pois “Deus quis deixar o homem entregue à sua própria decisão⁴²”. Por mais vulnerável que seja o homem, devido ao peso de seus pecados, com auxílio da graça divina, quanto mais reta for a sua consciência mais o homem será capaz de realizar-se, com plena liberdade, sem perder a sua dignidade.

Todavia, não podemos esquecer-nos dos limites e ambiguidades que podem surgir em torno da consciência. Seguir a própria consciência pode ser uma experiência de coragem, heroísmo, de santidade, mas também, quando mal interpretada e usada indevidamente, pode justificar uma variedade de opiniões e sentimentos de juízo pessoal. A história nos mostra quantos erros foram feitos em torno de uma errônea interpretação da consciência como vontade subjetiva e individualista. Majorano lembra que “a consciência conserva a sua dignidade só quando se dá como procura e acolhida da verdade⁴³” e que sem o diálogo e a comunicação não há reciprocidade da consciência e, assim, é impossível compreender o sentido da dignidade.

40. GS n. 16.

41. GS n. 16.

42. GS n. 17.

43. S. MAJORANO, “Il fondamento teologico della dignità umana”, in Ignazio SANNA (ed.), *Dignità umana e dibattito bioetico*, 2009, p. 46.

O conflito entre verdade e liberdade só poderá ser superado se, de fato, optarmos não por uma visão individualista e subjetivista, mas à luz da dignidade dialogal da pessoa. Pinckaers expressa essa realidade dialogal lembrando que não estamos sozinhos com a nossa consciência e ela não nos permite o isolamento, mas nos impulsiona diante da sabedoria de Deus e dos homens, “assim se estabelece e se realiza entre a Palavra de Deus, a palavra humana e nós, uma troca contínua que sempre retorna à consciência, porque essa é a luz de Deus que nos encontra diretamente”⁴⁴.

É neste sentido que Majorano faz uma ligação íntima entre o papel da teologia, a consciência e a dignidade humana: “a teologia que suspeita da consciência se torna problemática ou pelo menos mais difícil de compreender a proposta do fundamento teológico da dignidade humana. A fraqueza histórica da consciência constitui certamente um desafio complexo. A resposta, porém, não pode ser no redimensionamento da consciência, mas de um renovado e compartilhado esforço de formação”⁴⁵.

É exatamente esse olhar que o Papa Francisco propõe. Quando usa os verbos “primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar”⁴⁶. Sobre o amor da família utiliza os verbos “acompanhar, discernir e integrar”⁴⁷. Todos esses verbos estão ligados à formação da consciência. Ao falar de discernimento pastoral na *Amoris Laetitia*, o Papa nos chama para um caminho sempre aberto com etapas de crescimento e decisões que respeitem a gradualidade de cada um: “é claro que devemos incentivar o amadurecimento de uma consciência esclarecida, formada e acompanhada pelo discernimento responsável e sério do pastor, e propor uma confiança cada vez maior da graça”⁴⁸.

44. Servais PINCKAERS, *Le fonti della morale cristiana: método, contenuto, storia*, 1985, p. 192.

45. S. MAJORANO, “Il fondamento teologico della dignità umana”, in Ignazio SANNA (ed.), *Dignità umana e dibattito bioetico*, 2009, p. 47.

46. EG n. 24;

47. FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris laetitia, sobre o amor na família*, 2016, n. 291. A partir daqui: AL.

48. AL n. 303.

A antropologia cristã fundamenta a dignidade humana baseada na mais profunda e íntima relação do homem com Deus que acontece na consciência humana: núcleo revelador desse encontro e sacrário humano. Qualquer tentativa de discussão sobre temas da vida na Teologia Moral não pode prescindir de uma sã antropologia cristã, baseada na reta consciência humana, que garante a dignidade do homem desde a sua concepção até o seu declínio natural. Calipari diz que essa é uma questão que não é suscetível de variação quantitativa ou qualitativa, assim como não pode depender das circunstâncias existenciais e nem do reconhecimento pessoal ou do reconhecimento dos outros, mas a nossa dignidade de pessoa nos pertence por natureza e inicia conosco e nos acompanha até o momento de nossa morte⁴⁹.

Neste contexto, encontramos nas propostas do Papa Francisco um olhar para frente, focalizado sobre a dignidade da pessoa humana, onde está a base da antropologia cristã, que não só qualifica a vida como um dom de Deus, mas chama o homem a uma plena consciência desse dom e a responder, através da fé, as angústias sobre a sua sorte futura: *Coram morte aenigma condicionis humanae maximum evadit*⁵⁰.

Majorano nos ajuda a entender essa dinâmica do discernimento moral mostrando sua complexidade e exigências porque envolve diversas dimensões de nossa vida, sejam elas pessoais como sociais. O fato é que “o valor moral de qualquer ação é dado da avaliação que o discernimento consegue efetuar”⁵¹. Avaliação, que segundo a reta consciência, traz consigo uma certeza moral:

Quando o caminho do discernimento for realizado com lealdade e de maneira correta, geralmente a sua conclu-

49. Cf. Maurizio CALIPARI, “Il principio di adeguatezza ética nell’uso dei mezzi di conservazione della vita: tra eccesso terapeutico e abbandono del paziente, Accanto al malato inguaribile e al morente: orientamento etici ed operativi”, in PONTIFICIA ACADEMIA PRO VITA, *Accanto al malato inguaribile e al morente: orientamento etici ed operativi*, 2009, p. 155.

50. *Ibidem*.

51. S. MAJORANO, “Il fondamento teologico della dignità umana”, in Ignazio SANNA (ed.), *Dignità umana e dibattito bioetico*, 2009, p. 164.

são se põe diante da consciência plena de evidência que dá uma certeza para agir. Trata-se, porém, sempre de uma certeza moral, não será nunca como aquela repetida maneira na qual se dão aquelas de caráter matemático e científico. A evidência moral nunca é totalmente isenta de riscos⁵².

De fato, a tradição moral nos dá uma série de conceitos fundamentais que nos ajudam a esclarecer com mais precisão os princípios que estamos colocando em pauta. Primeiro, é importante distinguir *verdade*, *evidência* e *certeza*. Comparando nossa mente com uma máquina fotográfica diríamos que a *verdade* seria a adequação da mente às coisas, ou seja, da foto com o objeto fotografado. Graças ao nosso intelecto há, na nossa mente, uma reprodução das coisas como são. A *evidência*, por sua vez é a luz com a qual a verdade se apresenta na nossa mente, ilumina a foto recebida, dá as cores, evidencia os detalhes, e assim, convence a mente e obtém o consentimento da mesma. Quando, porém, essa luz não é o suficiente, não ilumina completamente como deveria, acontece a dúvida da mente em consentir aquela *verdade*, podendo aceitá-la ou não. Aceitá-la com temor (como uma opinião) ou sem temor. A *certeza* seria um estado em que a mente aceita a *verdade* porque essa se apresenta com a *evidência* iluminada plenamente. Com isso, entendemos que sem a *verdade* e a sem a *evidência* não é possível a *certeza*. Na ausência da primeira não há adesão à *verdade* e se falta a segunda existe o temor de errar: “A certeza está de fato no ver claramente a correspondência do nosso juízo com a realidade e de mantê-la sem medo de errar”⁵³.

Majorano nos adverte para essa realidade que a casuísta já havia experimentado:

Todavia sucede um uso acurado de tais critérios. Esses não devem nunca substituir a busca da verdade objetiva, todas às vezes nas quais isso é possível. Nem mesmo devem significar acelerar as decisões que são usadas quando não é

52. *Idem*, p. 165.

53. Francesco ROBERTI, *Dizionario di Teologia Morale*, 1954, p. 214.

possível chegar diretamente a verdade. De fato, o abuso de tais critérios foram uma das causas da esterilidade da moral casuística, contra a qual o Vaticano II tomou uma posição decidida. Isto, porém não deve nos fazer esquecer o esforço de concretizar tais reflexões morais e o significado delas para nós e dos seus frutos⁵⁴.

Dentro da reflexão do número 18 da *Gaudium et spes*, buscamos compreender que deve estar garantido o respeito pela dignidade da pessoa humana, porque esta dignidade foi dada por Deus, que criou o homem à sua imagem e semelhança e da concepção até a morte tem por direito natural a garantia da sua integridade física e espiritual. O papel da consciência é ajudar no discernimento das escolhas que garantam esse bem primordial e essencial ao completo ciclo da vida até o seu último estágio.

À consciência moral cabe transformar os juízos morais e suas exigências em prática concreta capaz de discernir e realizar o que é bom e evitar o mal. Majorano lembra que esse discernimento moral deve ser feito com franqueza, pois ele é necessário para promover a dignidade pessoal e ao mesmo tempo evitar formas de poder e de manipulação contrárias à autêntica qualidade de vida humana na sociedade⁵⁵.

Assim, o discernimento moral através da reta razão nos chama a um prudente juízo que não nos deixa esquecer que existem normas que nos impõe um vínculo aos valores fundamentais e nos ajudam a identificar esse erro de interpretação, especialmente quando discrimina o ser humano em base a uma perda parcial de suas capacidades, ferindo, assim, o princípio da dignidade da pessoa no seu momento de vulnerabilidade.

Não se trata de uma mera presença ou um modo de fazer, mas de certo domínio que vem penetrando às raízes da própria vida, naquilo que há de mais íntimo no ser humano. O primado da técnica é o fazer e o homem corre o risco de tornar-se

54. S. MAJORANO, "Il fondamento teologico della dignità umana", in Ignazio SANNA (ed.), *Dignità umana e dibattito bioetico*, 2009, p. 167-168.

55. *Idem*, p. 147.

seu funcionário⁵⁶. Para não correr neste perigo de nos tornarmos prisioneiros da ditadura da técnica e do relativismo, que ela traz consigo, é necessário sempre voltarmos nossa reflexão a partir da consciência da nossa vocação e discernir os perigos de reduzirmos nossa humanidade ao mero *faciendum*. A consciência nos remete a assegurar a dignidade humana diante desses perigos de desumanização e da tecnocracia.

Em tempos de nulidade e desrespeito ao humano é necessária uma formação mais profunda da consciência, ou como diz Majorano, *una Diaconia alle coscienza*⁵⁷ para equilibrar e elevar a natureza humana à dignidade para a qual foi chamada a viver por seu Criador.

O Vaticano II deu um passo importante para responder ao desenfreado progresso tecnológico aprofundando com uma antropologia que compreende a pessoa humana assinalada com as características do seu Criador e dando um fundamento eficaz para dialogar com o mundo em pleno desenvolvimento, e agora, o Papa Francisco vem confirmando esse caminho do primado da consciência.

A consciência da dignidade da pessoa humana é a chave primordial de humanização das inovações tecnológicas e que pode garantir que o uso das técnicas esteja a serviço do ser humano e não vice-versa. A relevante contribuição dos dados da ciência para o bem comum não podem prescindir dos dados revelados ao homem e que se tornam uma voz que ecoa na consciência humana garantindo a realização do bem.

Para evitar a coisificação humana, que pode acontecer desde a fecundação, com a manipulação dos embriões, até a morte, como na eutanásia, o tráfico de órgãos e outros abusos afins, é preciso uma constante vigília para não assimilar ingenuamente a falsa imagem de que, é o homem a se autoproduzir, perdendo o sentido da natural e sobrenatural dignidade humana e caindo numa antropologia das circunstâncias onde a autonomia é a última palavra.

56 Cf. Umberto GALIMBERTI, *La morte dell'agire e il primato del fare nell'età della tecnica*, 2008, p. 21.

57 S. MAJORANO, "Il fondamento teologico della dignità umana", in Ignazio SANNA (ed.), *Dignità umana e dibattito bioetico*, 2009, p. 42.

Para respeitar a pessoa em cada circunstância, não é necessário saber com exatidão se esta dispõe plenamente das faculdades de pensamento e vontade, se tem capacidade de linguagem e relação, enfim, qualquer justificativa que limitasse a pessoa à posse de particularidades. Ao contrário, na pessoa humana está presente, desde o seu início ao seu fim, o mesmo elemento fundamental que lhe é essencialmente próprio e que está escrito no seu ser durante toda a sua vida.

O caminho do discernimento do bem a ser realizado aqui e agora virá percorrido com uma paciente atenção, proporcionada às problemáticas e situações. Não se poderá confiar somente nas reações imediatas: sobre elas incidem tantas manipulações e tantos condicionamentos. Nem mesmo se poderá contentar-se só com a clareza da própria intenção: essa é indispensável, mas sozinha não é suficiente para reconhecer concretamente o bem, principalmente por causa dos fatores que interagem nas diversas situações. Precisa também do sábio uso de todos os critérios objetivos que trazem o reconhecimento do bem aqui e agora. Não são limite a consciência, mas uma ajuda indispensável para, de fato, caracterizar o bem. Os critérios não devem substituir a consciência, mas a consciência não pode dispensar a prudente utilização dos critérios⁵⁸.

Conclusão

O Papa Francisco nos faz refletir sobre a Teologia Moral e projeta um possível caminho que podemos seguir. A partir das proposições feitas neste Pontificado, no itinerário proposto nos diversos documentos já escritos e nos pronunciamentos oficiais, tanto nas viagens quanto nas entrevistas dentro dos aviões, poderíamos elencar algumas características que asseguram uma Teologia Moral presente no disputado cenário das éticas públicas. Se quisermos projetar o olhar para frente, em primeiro lugar temos que sair de nós mesmos, de uma moral intimista e

58. *Idem*, p. 185-186.

individualista, que olha para si mesma. O Papa nos convida a projetar um olhar para frente com uma identidade plural de um rosto miscigenado como é próprio das culturas em que vivemos. Na perspectiva de uma Igreja em saída e missionária é preciso assumir:

- a) uma Teologia Moral sapiencial capaz de reinterpretar os vestígios da passagem de Deus na cultura;
- b) uma Teologia Moral de caráter relacional, social e político aberta a uma intercomunhão solidária e planetária;
- c) uma Teologia Moral que cria consciência da sua própria vulnerabilidade e se esforça no exercício da autonomia e responsabilidade;
- d) uma Teologia Moral que saiba interligar toda e qualquer reflexão moral a partir dos desafios sociais emergentes, especialmente a pobreza e a exclusão;
- e) uma Teologia Moral capaz de comunicar a proposta moral cristã de acordo com as novas condições comunicativas do ser humano, tendo a linguagem como expressão dessa relação;
- f) uma Teologia Moral capaz de interpretar a realidade emergente através de um discernimento da ação nas diversas circunstâncias de uma sociedade sistêmica complexa, através da coerência com o Evangelho de Cristo;
- g) uma Teologia Moral que tenha como critério de discernimento o princípio de vulnerabilidade, que permite identificar o rosto de Cristo no rosto humano vulnerável;
- h) uma Teologia Moral que possa resgatar o amor e a esperança num mundo emergente onde prevalece o pessimismo e o ceticismo;
- i) uma Teologia Moral que evite posições de “escola” ou juízos formulados, mas se anime com a cultura do encontro na tensão missionária de uma Igreja em saída;
- j) uma Teologia Moral que possa precaver-se da excessiva idealização da vida cristã e não se afaste da situação concreta e das possibilidades efetivas das pessoas e famílias;

- k) uma Teologia Moral que tenha uma escuta respeitosa a realidade, discernindo os sinais do Espírito Santo;
- l) uma Teologia Moral que possa ajudar a todos a caminhar com alegria na vereda do Bem.

Enfim, a Teologia Moral não pode se restringir a ouvir a voz de Deus no interior de si mesma, mas deve assumir uma responsabilidade social, discernindo com base racional e com a ajuda da mediação das outras ciências, uma plataforma de valores humanos da qual seja possível uma profunda conversão aos valores do Reino. Desse modo, devemos reconhecer a importância do papel da Teologia Moral renovada pelo Vaticano II que impulsionou e abriu novas perspectivas para a elaboração de uma moralidade menos legalista, mais situada e humana.

E não podemos deixar de dizer que esse processo é decorrente de um longo percurso de reflexão, produção e práxis, graças aos fundamentos da Teologia Moral interpretados e vividos à luz da Boa-Nova de Cristo, da Tradição e do Magistério, que souberam interpretar os ventos novos, construir novos barcos, navegar em novas águas, mergulhar nas águas profundas, emergir e enfrentar a realidade que os interpelava. A proposta de uma Igreja em saída, missionária e de espírito sinodal permite que homens e mulheres, impulsionados pela fé em Jesus Cristo e pela fidelidade a Igreja, continuem a colaborar, de maneira dinâmica e criativa, com a produção da Teologia Moral, dispostos a serem mediadores de perguntas e não ditadores de normas morais prontas e definidas; dispostos a navegar e não jogar a âncora das certezas absolutas; dispostos a explorar novas águas e potencializar suas riquezas, dispostos, enfim, a olhar tudo em conformidade ao olhar do próprio Cristo, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14, 6).

Referências

- AUER, Alfons. "Die Erfahrung der Geschichtlichkeit und die Krise der Moral". In *Theologische Quartalschrift* 149 (1969), Goettingen, p. 4-22.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- BORBA, Francisco. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CALIPARI, Maurizio. “Il principio di adeguatezza etica nell’uso dei mezzi di conservazione della vita: tra eccesso terapeutico e abbandono del paziente”. In PONTIFICIA ACADEMIA PRO VITA. *Accanto al malato inguaribile e al morente: orientamento etici ed operativi*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009, p. 154-172.
- CONCÍLIO VATICANO II. “Constituição pastoral *Gaudium et Spes*”. In DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. “Decreto *Optatam totius*”. In DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si’ - Sobre o Cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- _____. *Constituição Apostólica Veritatis Gaudium - Sobre as Universidade e Faculdades eclesísticas (online)*, Roma, 08 de dezembro de 2017. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html>. Acesso em: 30 de julho de 2019.
- _____. *Discurso para os professores e estudantes da Academia Alfonsiana (online)*, Roma, 09 de fevereiro de 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190209_accademia-alfonsiana.html>. Acesso em: 30 de julho de 2019.
- _____. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris laetitia sobre o amor na família*. São Paulo: Paulus, 2016.
- _____. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium - A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.
- GALIMBERTI, Umberto. *La morte dell’agire e il primato del fare nell’età della tecnica*. Milano: Alboversorio, 2008.
- GRÜNDEL, Johannes. *Wandelbares und Unwandelbares in der Moralthologie*. Düsseldorf: Patmos-Verlag, 1967.
- MAJORANO, Sabatino. *La coscienza, per una lettura Cristiana*. San Paolo: Cinisello Balsamo, 2008.
- _____. “Il fondamento teologico della dignità umana”. In SANNA, Ignazio (ed.). *Dignità umana e dibattito bioetico*. Roma: Edizioni Studium, 2009, p. 37-56.

- MOSER, Antônio. *O problema demográfico e as esperanças de um mundo novo*. Petrópolis: Vozes, 1978. (Cadernos de Teologia e Pastoral 12).
- MOSER, Antônio; LEERS, Bernardino. *Teologia Moral: impasses e alternativas*. São Paulo: Vozes, 1988. (Tomo V, série III: A Libertação na História).
- PINCKAERS, Servais. *Le fonti della morale cristiana, metodo, contenuto, storia*. Milano: Edizione Ares, 1985.
- ROBERTI, Francesco. *Dizionario di Teologia Morale*. Roma: Editrice Studium, 1954.
- SANNA, Ignazio (ed.). *Dignità umana e dibattito bioetico*. Roma: Edizioni Studium, 2009.
- VEREECKE, Louis. "Histoire et morale". In *Mélanges de Science Religieuse* 13 (1956), Lille, p. 5-18.
- VIDAL, Marciano. *Nova Moral fundamental - O lar teológico da Ética*. Aparecida: Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003.